

OS MÉTODOS E AS CIÊNCIAS

BERNARDES, Antonio¹

Recebido (Received): 2018-01-05 Aceito (Accepted): 2018-06-21

Resumo

Principia-se essa discussão pela abordagem de algumas concepções filosóficas do que é o conhecimento em direção ao que é o conhecimento científico. Pela emergência da lógica da doutrina positivista, que corresponde com a institucionalização das Ciências Modernas, é abordada a cisão entre o conhecimento científico e o filosófico e, posteriormente, como pelo desenvolvimento científico e tecnológico pode haver a reaproximação entre eles. Considerando o método como um dos elementos nevrálgicos da relação entre as Ciências e a Filosofia, há a interpretação das influências filosóficas nas Ciências considerando os métodos como instrumentos intelectuais, salientando os principais elementos que os constituem e os seus diferentes tipos. Já nas considerações que findam essa discussão, se propõe uma abordagem a partir da Ontologia hermenêutica de Gadamer (1997) para a interpretação das influências dos métodos filosóficos nas Ciências, destacando a situação do pensador e pesquisador nesse processo.

Palavras-chave: Conhecimento. Métodos filosóficos. Correntes filosóficas. Filosofia. Ciências.

METHODS AND SCIENCE

Abstract

This discussion is initiated by approaching some philosophical conceptions of what knowledge is towards scientific knowledge. As from the emergence of logical positivist doctrine, that coincides with the institutionalization of Moderns Sciences, it has been discussed the split between scientific knowledge and philosophical knowledge and, posteriorly, as how the scientific and technological development may be the possibility of rapprochement between them. Considering the method as one of the most sensitive elements of the relationship between Sciences and Philosophy, there is the interpretation of the philosophical influences in Sciences considering methods as intellectual tools, highlighting the main elements that make up the different types of method. As these considerations on which conclude the discussion, there is a proposal for an approach from the hermeneutic ontology of Gadamer (1997) for the interpretation of the philosophical methods influences on Science, highlighting the situation of the thinker and the researcher in this process.

Keywords: Knowledge. Philosophical methods. Philosophical currents. Philosophy; Science

LOS MÉTODOS Y LAS CIENCIAS

Resumen

Esta discusión empieza abordando algunas concepciones filosóficas de lo que es el conocimiento en la dirección de lo que es el conocimiento científico. Por la aparición de la lógica de la doctrina positivista, que corresponde con la institucionalización de las Ciencias Modernas, hay la discusión acerca de la separación entre el conocimiento científico y el filosófico y, después, como por los desarrollos científicos y tecnológicos tuvo una aproximación entre ellos. Considerando el método como uno de los elementos claves de la relación entre la Ciencia y la Filosofía, hay la interpretación de las influencias filosóficas en las Ciencias teniendo en cuenta los métodos como instrumentos intelectuales, destacando los principales elementos que componen los diferentes tipos de métodos. Ya en las consideraciones que cieran la discusión hay una propuesta de enfoque por la Ontología hermenéutica de Gadamer (1997) para la interpretación de las influencias de los métodos filosóficos de las Ciencias, destacando la situación del pensador y investigador en este proceso.

Palabras clave: Conocimiento. Métodos filosóficos. Corrientes filosóficas. Filosofía; Ciencia

¹ Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes-RJ; Docente do Departamento de Geografia e Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense, Angra dos Reis-RJ. E-mail: antonio_h_bernardes@yahoo.com.br

1 PREÂMBULO

Por mais que seja evidente, boa parte das discussões científicas se iniciam a partir de indagações que os sujeitos desenvolvem acerca do real e, por consequência, de si próprios – esta, como autorreflexão. Elas muitas vezes não nascem de modo organizado e sim pela relação primordial que o sujeito, imerso em sua cotidianidade, tem no mundo.

Boa parte dos sujeitos de algum modo buscam organizar, mesmo que minimamente, a realidade que ele vive, tanto para entendê-la como para a manutenção de sua própria sobrevivência. Organiza-se não somente o real, pela própria materialidade que ele indica, mas também a abstração como pensamento acerca daquele. Dessa feita, o conhecimento científico é apenas uma das maneiras que os sujeitos podem organizar os pensamentos para entender os fenômenos, assim como para operacionalizar suas atividades cotidianas.

Nesse sentido, de antemão, já lançamos um pressuposto: o pesquisador deve ser entendido como um sujeito e, como quaisquer Outros, sua condição de ser é imerso no cotidiano. Esse pressuposto nos remete a não dissociar o pesquisador de sua cotidianidade pelas suas atividades laborais ou pelos papéis sociais que desempenha. Isso porque ele não deixa de ser pai ou mãe, filho ou filha, consumidor, esportista eventual ou torcedor de certo esporte quando desenvolve suas atividades de pesquisa. Ele não deixa uma parte de si em casa e vai para rua com outra para fazer pesquisa. Exercer papéis sociais não implica em restringir o sujeito a cada um deles, pelo contrário, ele é tudo isso, uma totalidade, e dissociá-lo só é possível por meio de um esforço abstrato e arbitrário. Quando o pesquisador vai ao campo para suas investigações o é como totalidade, ou seja, ele carrega em seu âmago uma série de referências pessoais de mundo, de significados e de referenciais teórico-metodológicos para o desenvolvimento tanto da Ciência que ele corrobora como de si próprio.

Da totalidade que é o pesquisador, selecionamos somente um de seus âmbitos para esta discussão: suas referências teóricas-metodológicas. Podemos dividi-las em dois âmbitos intimamente relacionados. O primeiro trata das referências teóricas como um conjunto de ideias que indicam o método, teorias, leis, categorias, conceitos etc. O outro refere-se à metodologia de pesquisa, que é conjunto de técnicas ligadas aos problemas operacionais da pesquisa. Elas ocorrem de modo imbricado no desenvolvimento das pesquisas porque, em linhas gerais, as metodologias de pesquisa instrumentalizam o pensamento e a lógica científica e estas, por sua vez, buscam apoio nas metodologias de pesquisa para o seu desenvolvimento, tanto para realizarem críticas à pesquisa como para autocríticas do próprio modo de Ser do pesquisador.

Recortando ainda mais o debate, destacamos os métodos como um dos norteadores teóricos para o desenvolvimento das pesquisas científicas. Isso não significa que relegaremos as discussões acerca das teorias, conceitos e categorias científicas e, tampouco, da relação entre método e metodologia de pesquisa – que como mencionado, estão intimamente imbricados. Em verdade, propomos essa primeira discussão num conjunto de três ou quatro manuscritos que abordarão tanto a relação entre os métodos filosóficos e seu corpo lógico como a indissociabilidade dos métodos com as metodologias de pesquisa.

De tal modo, por ora, abordamos a relação entre os métodos e algumas de suas influências nas Ciências. Houve um esforço didático para o desenvolvimento dessa discussão – notadamente, com o uso de recursos gráficos para sintetizar as discussões – que implicou em certas generalizações, mas sem negligenciar seus aspectos fundamentais. Iniciamos a discussão apontando algumas concepções filosóficas do que é o conhecimento em direção ao conhecimento científico como um dos seus modos. A partir da emergência da lógica da doutrina positivista, que coincide com a institucionalização das Ciências, acercar-se da cisão entre o conhecimento científico e o filosófico e, posteriormente, do desenvolvimento científico e tecnológico que trouxe a reaproximação entre esses diferentes tipos de conhecimento. Considerando o método como um dos pontos nevrálgicos para a interpretação das influências dos métodos filosóficos nas Ciências, a discussão foi encaminhada para o entendimento do método como instrumento intelectual, destacando alguns de seus elementos constituintes. Findando a discussão, destacamos os diferentes tipos de métodos desenvolvidos no seio da Filosofia e, em seguida, como as Ciências os utilizam.

2 O CONHECIMENTO E SUAS NUANÇAS

2.1. O que é o conhecimento?

Sposito (2004, p.73-76) afirmou que há diversos modos de conhecimento e cada qual possui suas peculiaridades, como por exemplo: o científico, filosófico, artístico, religioso, senso comum etc. Contudo, anterior aos modos de conhecimento há o próprio conhecer. O que nos remete à seguinte questão: o que é o conhecimento?

É muito difícil afirmar com exatidão o que é o conhecimento sem considerar um posicionamento teórico, ainda mais, tendo em vista que esse debate é antigo na Filosofia e foi

abordado de diferentes maneiras por diversos pensadores. Em verdade há um ramo específico da Filosofia que o debate, a Teoria do conhecimento².

Trilhando os caminhos e descaminhos da Teoria do conhecimento, recorreremos primeiramente a Descartes (1596-1650). Ele considerou que o conhecimento fundamenta a existência humana e as coisas, pois há uma lógica *a priori* que organiza o mundo, a Matemática. Desenvolvendo-se a lógica matemática se “acostuma o espírito a reconhecer a verdade, porque sempre encontramos raciocínios rigorosos que não encontraríamos em alhures” (DESCARTES, 1983, p.39).

Já Leibniz (1646-1716) afirmou que cada substância e seus respectivos movimentos possuem como fundamento a mônada. A mônada é como uma espécie de centelha, ou melhor, uma essência que é concebida *a priori* e que é inerente e singular a todas substâncias e Seres que, de certo modo, definem a forma da matéria e a potência desta em sua relação com outras mônadas. As recíprocas relações entre as mônadas remetem a uma mônada suprema – Deus – que se relaciona com todas as mônadas e pode influenciá-las. Assim, o conhecimento para Leibniz se pautou no descobrimento da lógica de inter-relações entre as mônadas (LEIBNIZ, 1999).

Tanto Descartes como Leibniz se pautaram numa teoria do conhecimento em que a razão pode conhecer as coisas como elas realmente são em si mesmas, pois há uma lógica *a priori* inerente à realidade, a qual pode ser revelada e entendida. Essa abordagem não é exclusiva para esses pensadores, pois essa foi a base de boa parte das discussões em teoria do conhecimento desenvolvidas até Kant (1724-1804). Kant é um dos pensadores icônicos do Iluminismo e questiona as proposições desenvolvidas até então. Para ele só é possível conhecer as coisas tais como elas são organizadas pela razão, somente assim é possível saber em que medida correspondem ao modo de organização da realidade em si mesma (KANT, 2005, p.44).

Hegel (1770-1831) partilhou da crítica proferida por Kant, mas dele difere em sua proposição teórica, entre muitos pontos, por se basear nos princípios da dialética. Hegel (apud LUKÁCS, 1979, p.71) indicou que

[...] o processo através do qual a consciência do homem surge da interação entre suas aptidões internas e o mundo ambiente, o qual foi em parte gerado por sua própria atividade, em parte dado por natureza; além disso, expõe como a consciência – após inter-relações análogas, mas do tipo mais elevado – se desenvolve até chegar à autoconsciência; e mostra também como, desse desenvolvimento do homem, deriva o espírito enquanto princípio determinante do caráter essencial do gênero humano.

² Metafísica, gnosiologia, teoria do conhecimento e ontologia são campos de estudos da Filosofia que, ao longo de seu desenvolvimento, correspondem umas às outras, aproximando-se e, de certo modo, fundamentando as discussões que certas ciências denominam atualmente de processo cognitivo (BERNARDES, 2012).

Para Hegel não há intuições *a priori* e, tampouco, há de um lado a lógica que explica o pensamento e de outra a que explica o mundo, como propusera Kant, para Hegel elas devem ser consideradas como um mesmo e único processo do conhecimento. A solução proposta por ele é considerar o real como racional e o racional como real, porque ambos se desenvolvem por meio de contradições – dialética – entre a consciência e as coisas no mundo. Para Hegel, o auge das contradições dialéticas é a autoconsciência ou a razão absoluta.

O positivo, que Hegel aqui conseguiu – na sua lógica especulativa –, é que os *conceitos determinados, as formas de pensamento universais fixas*, em sua autonomia diante da natureza e do espírito, são um resultado necessário do estranhamento universal da essência humana, portanto também do pensar humano, e que Hegel os apresentou e reuniu, por isso, como momentos do processo de abstração. [...] Mas a abstração que se apreende como abstração sabe-se como nada; ela tem de renunciar à abstração, e chega assim junto a um ser que é precisamente o seu contrário, junto à *natureza*. Toda lógica é, portanto, a prova de que o pensar por si nada é, de que a ideia absoluta por si nada é, de que somente a *natureza* é algo. (MARX, 2009, p.133-134)

Marx (1818-1883) ponderou as assertivas de Hegel ao considerar que há certa coerência em sua lógica dialética, mas a questionou quando afirmou que o conhecimento não deve ter como meta a razão absoluta e sim deve buscar na realidade objetiva e material – natureza – o seu fundamento para possibilitar o movimento do pensamento e seu desenvolvimento.

Em suma, a partir de algumas concepções acerca do que é o conhecimento na Filosofia é possível sintetizar preliminarmente essa discussão considerando que o conhecimento se remete ao fato de conhecer e ao conhecido. Em outras palavras, o conhecimento se refere aos fenômenos que são características da vida psíquica e tem por efeito a apropriação intelectual de determinado campo empírico ou ideal de dados (MORA, 2001, p.41).

Esta aceção preliminar é ampla e holista, tal como aquelas dos pensadores abordados até aqui, pois se considera tanto o que é o conhecimento, assim como ele ocorre. Contudo, diferentemente

Desde meados do século XIX, como consequência da filosofia de Augusto Comte – chamada de positivismo –, foi feita uma separação entre Filosofia e ciências positivas (matemática, física, química, biologia, astronomia, sociologia). As ciências, dizia Comte, estudam a realidade natural, social, psicológica e moral e são propriamente o conhecimento. Para ele, a Filosofia seria apenas uma reflexão sobre o significado do trabalho científico, isto é, uma análise e uma interpretação dos procedimentos ou das metodologias usadas pelas ciências e uma avaliação dos resultados científicos. A Filosofia tornou-se, assim, uma teoria das ciências ou epistemologia (*episteme*, em grego, quer dizer ciência). (CHAUÍ, 2000, p.65)

Não há dúvidas que a proposta de Comte (1798-1857) de separação entre o conhecimento filosófico e o científico, assim como para o tratamento estrito dos diferentes tipos de conhecimento teve como um dos seus objetivos afastar o caráter eminentemente especulativo

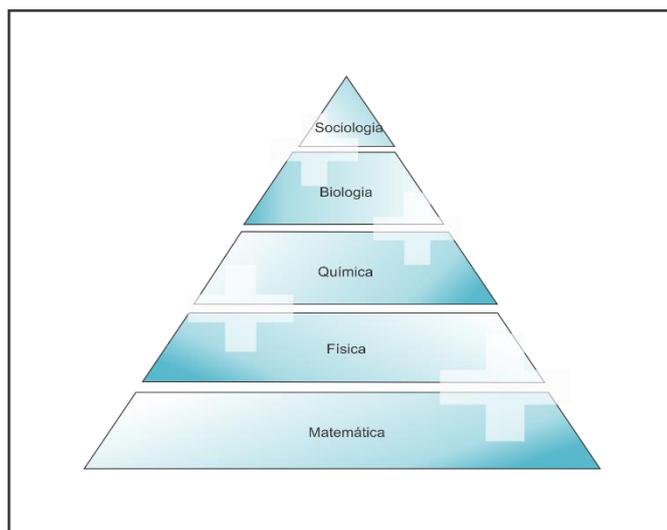
que caracterizou algumas discussões em Teoria do conhecimento. Contudo, esse empreendimento não reduziu a Filosofia à epistemologia e tampouco encerrou o debate acerca da teoria do conhecimento, tanto que podemos destacar ao menos duas correntes filosóficas que prosseguem a discussão: a Filosofia analítica, cujo precursor é o filósofo Ludwig Wittgenstein (1889-1951), que se dedicava ao entendimento das estruturas da consciência e seu modo de expressão, ou seja, a linguagem; e a Fenomenologia, proposta pelo filósofo Edmund Husserl (1859-1938), em que se busca entender a estruturação da consciência reflexiva ou o sujeito do conhecimento.

São inegáveis as consequências que a proposição de Comte ocasionou nas maneiras de entender os diferentes modos de conhecimento. Mais do que a proposta de dissociação entre o conhecimento científico e o conhecimento filosófico, ele sistematizou cada âmbito do conhecimento, buscando operacionaliza-los.

2.2 Da lógica Positiva à institucionalização das Ciências

As Ciências se consolidaram institucionalmente em meados do século XIX e início do século XX sob a égide da lógica Positivista de Comte, baseada em princípios matemáticos. Posteriormente, sua proposta foi reforçada por Russell (1872-1970) e Popper (1902-1994), buscando respaldo na tentativa de atender as demandas do contexto histórico em que emergiram e se consolidaram. Trata-se de um período histórico que foi caracterizado divisão do trabalho, pela necessidade de estabelecimento de procedimentos racionais para produção, assim como, houveram pesquisas para implementação de novas tecnologias. Essas características objetivavam a otimização do tempo, do investimento e do trabalho para obter maior lucro possível. Predicados que podem ser melhores desenvolvidos pelas Ciências Positivas propostas por Comte em detrimento das elucubrações desenvolvidas pela Teoria do conhecimento, pois a operacionalização dos diferentes tipos de conhecimento – científico e filosófico – possibilitou melhor prover as demandas daquele período histórico e em concordância com aquelas do modo de produção hegemônico.

Figura 1 - Pirâmide do conhecimento proposta por Comte



A *Figura 1* representa a proposição de Comte quanto à divisão do conhecimento em campos científicos e sua respectiva organização, em forma piramidal. Ele estabeleceu e instituiu, para boa parte das Ciências, seus respectivos “rincões” de análise da realidade, todavia, todas elas devem possuir a Matemática como base, que é mais simples e geral. Já a Sociologia – ou a Física social, como fora denominado por ele – é mais complexa e específica. Trata-se de uma soma, em que se parte da base em direção ao topo da pirâmide e, a cada parte, há a indicação de uma Ciência que se soma com a conseguinte, sendo este o conteúdo base da ciência posterior e assim sucessivamente.

A Matemática está na base da pirâmide porque Comte entendia que somente pelos seus princípios é possível desenvolver as teorias de modo neutro – destituídos de valores e juízos – pois seus resultados não são afetados pelas inclinações ideológicas ou mudanças de humor do pesquisador. Além disso, ele preconiza a aplicação de procedimentos rigorosos que devem ser comprovados matematicamente e, se necessário, replicados por quaisquer sujeitos e que, ao final do processo, eles devem obter os mesmos resultados. Somente então, a asserção pode ser considerada como verdadeira e científica.

Esse debate influencia as Ciências Humanas, o que não poderia ser diferente. Para representar essa influência tomamos como exemplo a seguinte assertiva de Carvalho (1997):

Numa aproximação simplificada poderíamos dizer que nas páginas dos diversos artigos mencionados do *L'Année Sociologique*, observa-se uma coerência insistente no tratamento dispensado a Ratzel e sua Antropogeografia, especialmente nos artigos de Durkheim e Mauss, principais porta-vozes de uma espécie de disputa por “territórios” de conhecimento, em torno dos quais, as nascentes especialidades estavam construindo suas fronteiras. [...] Durkheim não deixa de já fornecer as pistas

de como se construiriam as diferenciações de preocupações, consequentemente de objetos, entre essa “geografia-ciência” e a “morfologia social”. (CARVALHO, 1997)

Carvalho adverte a respeito do intenso debate que houve entre cientistas franceses e alemães por meio do *L'Année Sociologique*, especificamente, entre Durkheim e Mauss – considerados como precursores da Morfologia social que, posteriormente, será denominada de Sociologia – e Ratzel – indicado pelos cientistas sociais como geógrafo – no intento de definir seus respectivos campos de investigações e determinar suas respectivas Ciências. Cabe frisar que, nesse caso, o Positivismo encontra maior repercussão entres os cientistas franceses, tendo em vista que os alemães partilhavam de uma concepção mais holista com bases no Romantismo (MOREIRA, 2006; CARVALHO, 1997). Em verdade, esse é um dos motivos do debate, pois os alemães, segundo os franceses, incorreriam numa espécie de invasão dos campos científicos. Situação que se complica ainda mais com a I Guerra Mundial.

Cabe frisar que a fragmentação não é concernente somente às Ciências como campos distintos do conhecimento, mas também há a divisão interna em cada uma das Ciências particulares, por exemplo: no caso das Ciências Sociais em Sociologia urbana, Ciências Políticas, Etnologia etc.; e, no caso da Geografia em Geomorfologia, Geografia da População, Geografia histórica etc.

Cedo, entretanto, uma reação se manifesta contra essa naturalização mecanicista e fragmentária do positivismo. [...] Duas são as fontes principais: de um lado, a emergência no campo da ciência, da biologia de corte darwinista, de outro no campo da filosofia, de um movimento de retorno a Kant. [...] Por um lado, continua a fragmentação, relevando a continuidade da hegemonia positivista recentemente estabelecida. Por outro, promove-se a aglutinação dos fragmentos em dois campos, revelando os efeitos do neokantismo. (MOREIRA, 2006, p.28)

Em concordância com Moreira, a consolidação da lógica Positivista e a fragmentação das Ciências em distintos ramos do conhecimento ocasiona, de um lado, seu aprofundamento e, de outro, há a sua contestação e tentativa de reaglutinação, esta, com fundamento na proposição neokantiana.

O rescaldo do empreendimento Positivista, o contexto histórico de sua ocorrência e a institucionalização das Ciências é um ponto lapidar para se entender o fundamento das diferenciações entre Filosofia e as Ciências em geral. Isso não significa que antes do século XIX não houvesse debates e indicativos do que era a Ciência e sua relação com a Filosofia, mas, deve-se considerar que anteriormente ao empreendimento Positivista houve poucas ações efetivas para a definição dos campos científicos e para a institucionalização das Ciências.

2.3 A Filosofia e as Ciências

Um dos frutos contemporâneos desse intenso debate que se iniciou em meados do século XIX é a verticalização dos diferentes campos do conhecimento. Por um lado, a especialização das Ciências corroborou teórica e procedimentalmente para que houvesse significativos desenvolvimentos tecnológicos nas mais diferentes áreas. Por outro lado, houve o afastamento entre o conhecimento filosófico e o científico que, cada vez mais, passam a se desenvolver em estruturas lógicas distintas. É justamente acerca da verticalização das Ciências e sua separação da Filosofia que recai boa parte das críticas proferidas por diferentes pensadores. Nesse sentido, Lefebvre, a partir de uma metáfora, coloca que:

O homem da filosofia e o homem do cotidiano, vamos deixá-los um ao lado do outro, um frente a frente do outro? É impossível do ponto de vista filosófico, pois a filosofia quer pensar “tudo”, o mundo e o homem, depois se realizar. É igualmente impossível do ponto de vista do homem cotidiano, já que a filosofia lhe traz consciência e um testemunho decisivos, portanto ela é a crítica ao mesmo tempo vã e radical do cotidiano. (LEFEBVRE, 1991, p.18-20)

Lefebvre afirmou que a Filosofia, ao tentar abordar “tudo”, o homem e o mundo, ela se tornou uma crítica improfícua do real, pois o discurso possui pouca aderência dos homens imersos no cotidiano. Por outro lado, afirmou que as Ciências “fragmentam essa enorme realidade que a filosofia deixa fora de si mesma. É a esses sábios que pertence o real. É deles e das suas buscas que pode sair a unidade do real e do racional, através da fragmentação” (LEFEBVRE, 1991, p.27-28). Como a Filosofia não consegue dar conta de tudo, a realidade que ela deixa para fora de si é de ocupação das Ciências e, mesmo que de modo fragmentado, ela atinge a realidade dos homens imersos no cotidiano de forma mais direta e efetiva, como pela utilização cotidiana dos inúmeros desenvolvimentos tecnológicos.

Diferentemente de Lefebvre, Deleuze (1992) afirmou que os conceitos filosóficos são mais próximos da realidade porque são forjados na cotidianidade significativa de ideias e de ideologias dos homens. Em outro sentido, os conceitos científicos funcionam como descrições lógicas do estado das coisas, são proposicionais, ou seja, eles são hipotéticos e acerca das coisas, distantes da realidade subjetiva da cotidianidade dos homens.

Quando Deleuze afirma que a Filosofia é mais próxima da cotidianidade dos homens, ela o é como discurso acerca deste e, diferentemente, Lefebvre afirma que ela é distante enquanto instrumento intelectual, porque é pouco operacional ao tentar abordar o total. Por isso as Ciências, segundo Lefebvre, ao serem parciais, tornam-se mais operacionais e propositivas, colocando-se mais próximas da cotidianidade dos homens ao dinamizarem as suas vidas.

Diferentemente, essa mesma instrumentalidade, segundo Deleuze, que torna as Ciências pouco fluídas e penetrantes na vida dos homens enquanto discurso.

Desse modo, enquanto um dos pensadores considera as Ciências e a Filosofia por uma acepção instrumental, o outro as considera pelo discurso. Todavia, ambos indicam que há certa instrumentalidade das proposições científicas, o que nos remete a sua forma de estruturação, ou seja, a sua concatenação lógica por meio de conceitos, categorias, teorias e leis – sendo por meios destes instrumentos que há a possibilidade de entendimento do mundo. De tal modo, que “o nível científico se baseia na descrição minuciosa, na localização de fenômenos dentro de categorias específicas, conceitos e classes características”. (SPOSITO, 2004, p.75)

Os conceitos e as categorias científicas são um dos principais elementos que caracterizam e operacionalizam as Ciências e seu modo de abordagem particular da realidade. Por outro lado, a Filosofia “foi frequentemente usada para designar a totalidade do saber, a ciência em geral, sendo a metafísica a ciência dos primeiros princípios, estabelecendo os fundamentos dos demais saberes” (JAPIASSU; MARCONDES, 2001, p.77). Assim, a metafísica pode ser tratada, também, como Teoria do conhecimento e ela é um dos fundamentos das Ciências em geral.

À vista disso, com a verticalização das Ciências houve não só o afastamento em relação à Filosofia, mas esse mesmo movimento também propiciou a sua reaproximação, não só porque ambos os conhecimentos possuem a realidade como objeto de estudo, mas, também, porque o desenvolvimento tecnológico suscita questões e reflexões quanto a cotidianidade dos homens, ou melhor, necessita das críticas de base filosófica, o que possibilita as Ciências se desenvolverem.

Na filosofia contemporânea, encontramos assim, ainda que em diferentes correntes e perspectivas, um sentido de filosofia como investigação crítica, situando-se, portanto, em um nível essencialmente distinto do da ciência, embora intimamente relacionado a esta, já que descobertas científicas muitas vezes suscitam questões e reflexões filosóficas e frequentemente problematizam teorias científicas. Essa relação reflexiva entre a filosofia e os outros campos do saber fica clara sobretudo nas chamadas “filosofia de”: filosofia da ciência, filosofia da arte, filosofia da história, filosofia da educação, filosofia da matemática, filosofia do direito etc. (JAPIASSU; MARCONDES, 2001, p.77)

Paradoxalmente, a reaproximação da Filosofia e das Ciências ocorre tendo como um dos seus fundamentos, em um sentido, a necessidade de desenvolvimento e aprofundamento do debate teórico nas Ciências e, por outro, de uma aproximação mais efetiva dos fenômenos reais que certas filosofias carecem.

3 OS MÉTODOS FILOSÓFICOS

Pela necessidade de desenvolvimento e aprofundamento do debate teórico nas Ciências é possível traçarmos, de maneira mais didática, como houve e há a reaproximação entre as Ciências e a Filosofia – se é que um dia estiveram efetivamente separadas. A princípio, devemos considerar que um dos principais liames desse fenômeno é o método, considerado como uma espécie de caminho racional para o desenvolvimento do conhecimento. Contudo, as discussões em torno dos métodos são recentes e antes de nos atermos a eles devemos considerar outras formas de sistematização do conhecimento filosófico que os precederam e os constituíram e, então, poderemos abordar o que caracteriza um método, alguns de seus elementos e algumas propostas de classificação.

3.1 A emergência dos métodos filosóficos

Iniciamos a discussão reiterando que a preocupação dos métodos na história da Filosofia não se trata de um debate tão antigo, porque “embora os antigos se tenham ocupado em questões de método, a investigação acerca do método, sua natureza e forma só atingiu o seu apogeu na época moderna” (CHAUI, 2000, p.199). Em verdade, as preocupações acerca dos métodos passam a ser investigações quando “se quis um método de invenção distinto da mera exposição e da simples prova do já sabido” (Ibid, p.199), ou seja, quando as explicações acerca do mundo e dos homens deixam de ser prioridades e emerge a discussão acerca dos métodos como proposições inventivas e prospectivas da realidade.

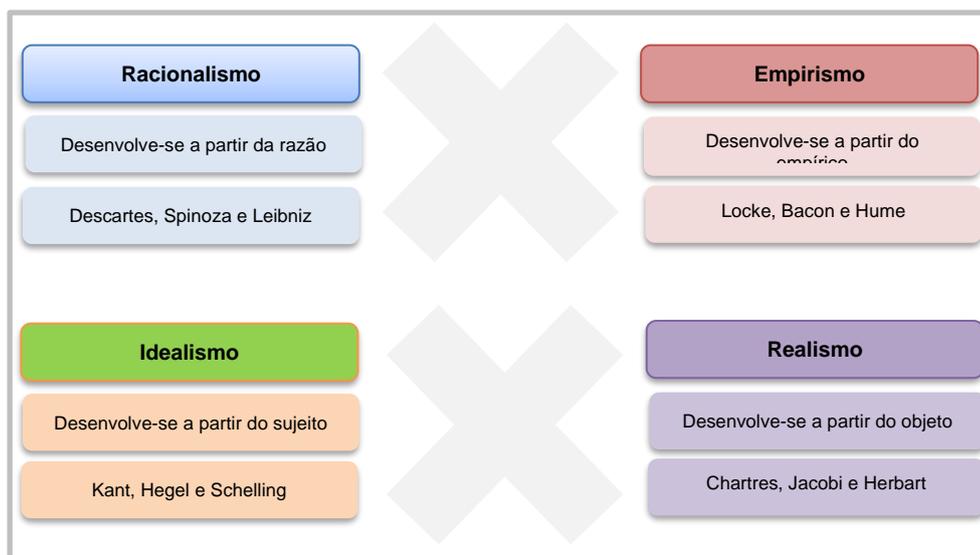
Não poderia ser diferente, pois para haver o debate quanto ao método é necessário ter um outro tipo de conhecimento sistematizado, como o científico, que seja contraditório ao conhecimento filosófico e promova o aprofundamento das discussões quanto aos métodos. Em outras palavras, a discussão acerca do método ganha notoriedade na mesma época em que há a emergência das Ciências – pois até então se tratavam de discussões pontuais, prevalecendo as escolas, doutrinas e correntes de pensamento – passando a ter um forte apelo instrumental, características essas, que reitera aquelas atinentes ao Positivismo.

No princípio da Modernidade – entre os séculos XVI e XVIII – não havia discussões efetivas acerca dos métodos e sim das denominadas correntes filosóficas. Elas são sistematizações do conhecimento que antecederam os métodos e foram agrupadas considerando a aproximação teóricas de certas proposições, ou seja, o modo como se encaminhou o

pensamento para o conhecimento de certa realidade. Destaca-se que elas não estavam restritas à reprodução das ideias de um único pensador e, tampouco, a um determinado local, como foi a forma de sistematização que a antecederam, como por exemplo: os pitagóricos, platônicos, aristotélicos, eleatas, atomistas, sofistas, acadêmicos, cínicos, estoicos etc.

Assim, para essa discussão partiremos do debate de algumas correntes filosóficas em direção aos métodos como formas de sistematização do conhecimento. Tomaremos – como destacado pelo *Quadro 1* – as discussões atinentes ao Racionalismo, Empirismo, Idealismo e Realismo como correntes do pensamento filosófico que foram e são objetos de intenso debates, principalmente, devido ao seu alcance no pensamento de alguns pensadores que em muito influenciaram a concepção dos métodos e das Ciências Modernas.

Quadro 1 - Exemplos de correntes filosóficas e suas abordagens da realidade



O **Racionalismo** trata-se de uma corrente filosófica que comumente é contraposta ao Empirismo. Em linhas gerais, os racionalistas consideram que a razão, equiparada ao pensar, é superior à emoção e à vontade. Ela é uma atitude mais adequada ao conhecimento, de modo que todo o conhecimento verdadeiro tem origem racional. No limite, a realidade é de carácter racional. Contrariamente, os **empiristas** afirmam que o sujeito cognoscente é um receptáculo no qual ingressam os dados do mundo exterior transmitidos pelos sentidos mediante a percepção, que são denominados de ideias ou sensações. Estas constituem a base de todo o conhecimento, mas não se reduzem a elas, pois os conhecimentos derivam da relação e combinação entre o percebido e as reflexões.

Em outra vertente se considera o **Idealismo** como uma corrente contraposta ao Realismo, sendo o ponto de partida para a reflexão uma das principais diferenças entre essas correntes. O Idealismo toma o sujeito e sua consciência como ponto de partida para reflexão filosófica, por considera-lo como ideador. Isso não significa que se reduza a realidade à consciência ou ao sujeito e, tampouco, que não há outra realidade que não seja a do sujeito ou da consciência. A realidade é determinada pela consciência. Por outro lado, o **Realismo** toma como ponto de partida o objeto e afirma que as coisas existem fora e independentemente da consciência ou do sujeito. O real está dado e o sujeito busca apreende-lo. O que importa no conhecimento é o dado e de maneira alguma aquilo que é posto pela consciência ou pelo sujeito.

Em resumo, o *Quadro 1* representa duas das muitas divergências quanto as formas de se conduzir o pensamento que caracterizaram parte da história da Filosofia Moderna. Ainda se apontou no *Quadro 1* como cada corrente filosófica se desenvolveu e alguns de seus principais pensadores. Quanto a este último, chamamos a atenção para a corrente Idealista, em que Kant, Hegel e Schelling são alguns de seus principais pensadores. Sem dúvida que esses pensadores podem ser considerados como idealistas, mas também não é estranho encontrarmos referências em diferentes tipos de bibliografias que considera Kant como sendo um dos precursores da corrente Iluminista, assim como Hegel e Schelling, como precursores do Romantismo. Com isso, entendemos que não é errôneo considerar que um determinado pensador possua suas proposições teóricas em mais de uma corrente. Para tal, podemos tomar como exemplo, dentre dos muitos possíveis, as proposituras de Kant, às quais cabe uma pequena digressão para tornar mais clara essa assertiva.

Kant, com o intuito de superar a interpretação dicotômica de sua época devido aos impasses desenvolvidos pelas correntes Racionalista e Empirista, estabelece duas lógicas para o entendimento dos fenômenos – Lógica Geral e Lógica Transcendental. Os conhecimentos que se principiam pela experiência são os denominados conhecimentos puros, dos quais se ocupa a Lógica geral. Conquanto, é necessária uma lógica que dê conta de explicá-los, eis aí a Lógica transcendental. Essa última se ocupará das representações e das intuições, assim, emergindo conceitos e categorias que determinamos para o entendimento da realidade. Entre a experiência, as representações e as intuições, o fenômeno é uma espécie de elemento mediador entre o domínio do ser – Lógica Geral – e o domínio do pensar – Lógica Transcendental. (KANT, 2005, p.44). Em suma, ao tentar superar o impasse ocasionado pela corrente Racionalista e Empirista, ele acaba por aprofunda-lo ao desenvolver as correntes em outro nível. Assim, não é errado

considerar que Kant é tanto Idealista quanto Racionalismo e Empirista – correntes que ele criticou – e, ainda, sem descartar que ele é um dos precursores do Iluminismo.

Aqui não se trata de estabelecer uma confusão de classificações e discutir em quantas correntes as proposituras de Kant participaram ou em quantas elas devem ser classificadas e sim que toda determinação numa classificação é limitante. Com isso, devemos entender a amplitude de suas propostas no contexto de mundo em que elas foram desenvolvidas, pois cada umas das correntes filosóficas nada mais são do que generalizações, não só para Kant, mas para as propostas de diversos pensadores. Tratam-se de generalizações sistematizadas que possuem como objetivo organizar o pensamento segundo as suas similitudes e diferenças para se estabelecer o modo como podemos encaminha-lo.

É nesse sentido que os métodos possuem fundamentos similares às correntes filosóficas, com a diferença que estão em outro nível de abstração. Os métodos podem ser considerados, ao menos inicialmente, como uma sistematização mais ampla – por isso mais abstrata que as correntes de pensamento – para as principais formas e procedimentos do pensamento. Seria como um caminho, em que a cada passo há um indicativo teórico e racional que se dirige para o entendimento da realidade sob uma determinada perspectiva e abordagem.

A palavra método vem do grego, *methodos*, composta de *meta*: através de, por meio de, e de *hodos*: via, caminho. Usar um método é seguir regular e ordenadamente um caminho através do qual uma certa finalidade ou um certo objetivo é alcançado. No caso do conhecimento, é o caminho ordenado que o pensamento segue por meio de um conjunto de regras e procedimentos racionais [...] (CHAUÍ, 2000, p.199)

O método, para Chauí, é o que conduz o conhecimento e, por conseguinte o pensamento, de forma ordenada, porque sistematizada, por meio de um conjunto de procedimentos racionais. Incorrendo que quando se opta por um método é necessário desenvolver a investigação considerando uma série de princípios a serem seguidos, o que incidirá em uma certa perspectiva e abordagem da realidade.

3.2 Alguns métodos filosóficos

É recorrente, quando se aborda os métodos, que haja menção acerca daqueles filosóficos e aqueles que são científicos. A partir disso, Lakatos (2003, p.106) afirma que há o *método* e os *métodos*. O primeiro “se caracteriza por uma abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade”, por outro lado, *os métodos* seriam “etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação

[...] Dir-se-ia até serem técnicas que, pelo uso mais abrangente, se erigiram em métodos”. (Ibid., 2003, p.106)

O que Lakatos define como *métodos*, nós o substantivamos por aqueles de pesquisa, ou seja, como metodologia de pesquisa e resguardamos o *método* como aquele de fundamentação eminentemente filosófica. Justamente porque *os métodos* possuem um caráter procedimental e indicam muito mais as estratégias de pesquisa do que proposições teóricas universais que caracterizam o *método*. Assim, para essa discussão, não consideramos que cada Ciência desenvolva um método de maneira universalizante como o é para aqueles filosóficos, pois certos conhecimentos particulares, como os científicos, possuem um recorte muito específico do real para seu estudo.

Numa primeira aproximação para os diferentes métodos, apresentamos no *Quadro 2* uma síntese de algumas propostas de classificação considerando alguns pensadores que realizaram compêndios da história da Filosofia.

O *Quadro 2* foi dividido em duas grandes abordagens que se subdivide nos denominados métodos filosóficos, destacando uma pequena descrição quanto a especificidade de cada método e, por conseguinte, há a referência de quem propôs a classificação.

As *abordagens gerais*, como a própria denominação diz, se trata de propostas de classificação dos métodos que são generalistas. Versam acerca de modos de conhecimento em seus aspectos mais gerais. Inversamente, as *abordagens específicas* são as propostas de classificação dos métodos que consideram um recorte mais categórico quanto aos modos de conhecimento, ou seja, possuem uma organização lógica em que seus elementos são determinados de maneira que tornam seus objetivos mais claros.

Atendo-nos às *abordagens gerais*, como aquela desenvolvida por Morente e por Chauí, é possível notar que elas são tão gerais que dificilmente quaisquer pensamentos não poderiam ser contemplados. Afinal, como seria possível falarmos de quaisquer conhecimentos sem a intuição e a razão ou a indução e a dedução? Já a proposição de Lefebvre nos oferece certa instrumentalidade quanto as dinâmicas atinentes ao método, mas quando ele se refere à lógica, ao invés dos métodos, ele indica que ela os perpassam, tratando-se de universalizações a partir dos métodos, ou seja, a lógica estaria num nível mais abstrato e amplo do que os métodos (LEFEBVRE, 1975). Com isso, sua proposição, por mais que seja instrumental, não atende os princípios de nossa discussão, que se encaminha para a utilização dos métodos nas Ciências.

Quadro 2 - Compêndio dos principais métodos filosóficos

	Métodos	Características	Referências
Abordagens gerais	Intuitivos	Compreender a realidade sem intermediação de nenhum discurso, proposição ou juízo.	MORENTE, 1976
	Racionais e/ou discursivos	Compreender a realidade racionalmente.	
	Lógica formal	Baseada em pressupostos como a forma, identidade, silogismo etc., tendo como um de seus fundamentos a linguagem universal da álgebra e da matemática para se desenvolver axiomas.	LEFEBVRE, 1975
	Lógica dialética	Baseada em pressupostos como a contradição, negação da negação, qualidade e quantidade etc. tendo como um de seus fundamentos a matéria, na história e as estruturas da sociedade.	
	Indutivos	Entendimento da realidade caminha das constatações mais particulares às leis e teorias.	CHAUÍ, 2000
	Dedutivos	Parte das teorias e leis para o entendimento dos fenômenos particulares.	
Abordagens específicas	Dialéticos	Consiste em suprimir as contradições – no processo da natureza ou da história e nos argumentos lógicos e em subsumi-los em totalidades. Assim se nega a possibilidade de substâncias ou de princípios independentes entre si.	MORA, 2001
	Logísticos	Consistem em afirmar a existência de princípios (coisas, leis, signos, etc.) e em deduzir o resto a partir deles.	
	Indagação	Consiste em usar uma pluralidade de métodos, cada um deles adequados ao seu objeto, área ou ciência, atendendo principalmente aos resultados obtidos e ao progresso do conhecimento.	
	Axiomático	Utiliza os recursos da lógica formal em que a verdade é estabelecida a partir de um conjunto de leis ou axiomas.	JAPIASSU; MARCONDES, 2001
	Hipotético-dedutivo	Possibilita desenvolver uma teoria que formula hipóteses a partir das quais resultados obtidos podem ser deduzidos e se fazer previsões.	
	Indutivo	Entendimento da realidade caminha das constatações mais particulares às leis e teorias.	
	Análise-síntese	Toma como ponto de partida a análise e, posteriormente, pela articulação das partes, há a síntese, então, estabelecendo sua verdade.	
	Experimental	Tem por base a realização de experimentos para o estabelecimento de teorias científicas.	
	Hermenêutico	Na contemporaneidade, a hermenêutica constitui uma reflexão filosófica interpretativa ou compreensiva sobre os símbolos e os mitos em geral.	LAKATOS, 2003
	Indutivo	Entendimento da realidade caminha das constatações mais particulares às leis e teorias.	
	Dedutivo	Parte das teorias e leis para o entendimento dos fenômenos particulares.	
	Hipotético-dedutivo	Possibilita o entendimento a partir da formulação de hipóteses e seus resultados podem ser deduzidos para se fazer previsões.	
	Dialético	Propõe que o verdadeiro fundamento das ideias está na matéria, na história e nas estruturas da sociedade.	

Percebemos que considerar definições de método que são demasiadamente gerais não nos permite operacionalizar as proposições teóricas nas Ciências, pois é necessário que se tenha determinado os elementos dos métodos, sua inter-relação e objetivos para que ele possa ser

instrumental. A instrumentalização a que nos referimos se trata da operacionalidade do método, ou seja, *quando, onde* e, principalmente, *porque e como* podemos utiliza-lo em determinada Ciência e contexto de mundo. Considerando que as Ciências possuem como uma de suas características a instrumentalidade do conhecimento que se traduz, dentre outras coisas, pela utilização das metodologias de pesquisa para a apreensão do real, um método amplo demais não indica o contexto de sua concepção, os caminhos e, tampouco, os objetivos, na medida em que é tão amplo que qualquer abordagem e tipo de conhecimento pode ser por ele contemplado.

Ainda pelo exposto no *Quadro 2*, há também as *abordagens específicas*. Tratam-se de propostas de pensadores e debatedores em Filosofia que sugeriram a classificação das proposições filosóficas com caráter mais específico e instrumental. Considerando-as, é possível notar que há certos pontos em comum entre elas. Tomando, a princípio, a nomenclatura dos respectivos métodos, nota-se que a proposta de Lakatos contempla alguns dos métodos definidos por Mora, assim como de Japiassu e Marcondes, especificamente, a dialética para Mora e o método indutivo e o hipotético-dedutivo para Japiassu e Marcondes. Mesmo as abordagens de Lakatos, por mais que compareçam nas *abordagens gerais* – método indutivo e método dedutivo – são similares as de Mora e de Japiassu e Marcondes. Agora tomando o conteúdo como princípio de comparação das propostas, nota-se que aquelas de Japiassu e Marcondes para os métodos axiomático, hipotético-dedutivo e experimental de algum modo são contemplados pelo método logístico indicado por Mora. Diferentemente, destaca-se o método hermenêutico e o de análise-síntese proposto por Japiassu e Marcondes e o de indagação proposto por Mora como aqueles que não possuem relação com os demais.

Partindo das *abordagens gerais* para as *abordagens específicas* e, a partir dessas últimas, é possível nos aproximamos da proposta de Sposito (2004) para classificação dos métodos filosóficos.

Quadro 3 - Uma proposta sintética de classificação dos métodos filosóficos

	Características	Categorias	Leis	Pensadores
Método Hipotético-dedutivo	Possibilita o entendimento a partir da formulação de hipóteses e seus resultados podem ser deduzidos para se fazer previsões. Lança-se um problema de investigação e uma hipótese de resolução para se conceber um sistema explicativo que pode ser aplicado aos diferentes fenômenos estudados.	Problema; Hipótese; Sistema; Modelo.	Verificabilidade; Não - refutabilidade; Falseabilidade; Aplicabilidade.	Russell; Popper; Bunge.
Método Fenomenológico-hermenêutico	Possibilita o exame de todos os conteúdos de consciência, mas, ao invés de qualifica-los, há a preocupação de entender como eles ocorrem. Associa-se à hermenêutica, pois ela se trata de uma reflexão filosófica interpretativa acerca do âmbito simbólico.	Fenômeno; Consciência; Intencionalidade;	Epoché (Redução fenomenológica); Epoché universal (Redução transcendental).	Husserl; Heidegger; Merleau-Ponty; Sartre.
Método Materialismo histórico dialético	Propõe que o verdadeiro fundamento das ideias está na base material e histórica da sociedade, sua estrutura econômica e suas relações e modos de produção que as mantém. Para tanto, a dialética ou a contradição da contradição é a principal lei desse método.	História; Matéria; Sociedade; Modos de produção.	Contradição da contradição; Transformação da quantidade em qualidade; Interpenetração dos contrários.	Marx; Engels; Plekhanov; Lenin.

Fonte: Sposito, 2004; Popper, 2008; Husserl, 2015; Lefebvre, 1975.

A proposta de Sposito é uma espécie de síntese das diferentes classificações dos métodos filosóficos. Considerou-se os principais métodos em comum nas classificações dos diferentes pensadores, alguns por sua forma e outros pelo seu conteúdo, assim como há outros que foram avaliados como procedimentos e não métodos, como por exemplo: o indutivo, o dedutivo e aquele referente a análise-síntese.

FIGURA 2 - ANIMAÇÃO EM VÍDEO!

Para melhor entendimento quanto ao **movimento de síntese de classificação dos métodos filosóficos**, partindo das *abordagens gerais* em direção a proposta de Sposito (2004), **acesse** pelo seu *smartphone* **uma animação** através do **QR Code** ao lado ou pelo link https://youtu.be/niV1fQUgN_A.



Associado à proposta de Sposito, apontamos também as principais categorias, pensadores e leis atinentes a cada método. Desse modo, acabamos por nos referir não somente ao método *per se*, mas também a alguns de seus elementos, o que necessita de um breve excuroso para melhor discutirmos a sua forma de organização.

Figura 3 - Níveis de abstração para os elementos do método



A *Figura 3* trata de uma aproximação quanto aos principais elementos que constituem um determinado método considerando, sobretudo, os diferentes níveis de abstração de cada um deles. Há a representação dos principais elementos do método numa gradação que parte do empírico em direção ao abstrato. Com isso, podemos afirmar que os conceitos são os elementos do método com as características mais empíricas e, por outro lado, as doutrinas possuem características mais abstratas. Mas não se pode negligenciar que o empírico já é uma espécie de abstração, pois ele indica o objeto como ideia, pois não o é como matéria. Por sua vez, o abstrato tem como fundamento o empírico para a formação das ideias. Desse modo, devemos considerar que o próprio conceito, mesmo possuindo aspectos mais empíricos que os outros elementos do método, não deixa de ser uma abstração acerca dos fenômenos reais (BERNARDES, 2011).

Outro ponto que merece destaque é que quanto mais abstrato é certo elemento do método, mais estruturado é o entendimento. Por exemplo, numa abordagem a partir dos conceitos em direção às doutrinas, considera-se que a cada interpretação e entendimento dos fenômenos reais nos remete à concepção de conceitos, categorias e assim sucessivamente. A cada elemento do método que vamos utilizando se desenvolve uma relação profunda e dinâmica entre os elementos do método que são precedentes. Em outras palavras, a categoria ao se fundamentar no conceito o fundamenta, assim como a teoria para os dois antecedentes e assim

sucessivamente. Há uma concatenação lógica de cada um desses elementos do método e, quanto mais abstrato ele é, mais estruturado é o entendimento porque cada um de seus elementos está imbricado tanto naquele que o antecede como naquele o sucede.

Abordados, mesmo que brevemente, os principais elementos de certo método, podemos retomar a análise do *Quadro 3*. Nele não indicamos somente os métodos, mas também algumas categorias e leis com base em alguns excertos de pensadores que desenvolveram os respectivos métodos. As categorias são consideradas como a determinação dos aspectos fundamentais daqueles eleitos para enunciação dos conceitos. Já as leis, no sentido de leis da lógica, são procedimentos lógicos necessários para o desenvolvimento de certo método filosófico. Dito isso, podemos considerar certas especificidades de cada um dos métodos.

O *método hipotético-dedutivo* pode ser entendido como aquele que busca desenvolver o entendimento a partir da formulação de hipóteses e seus resultados podem ser deduzidos para se fazer previsões. Popper (2008) é um dos pensadores que busca desenvolvê-lo por meio de críticas e complementações às propostas de Comte. A sua relação com o Racionalismo – devido ao destaque atribuído às hipóteses e deduções, ou seja, à razão – e ao Realismo – devido à proeminência do objeto em suas proposições – são válidas por um lado, mas por outro devem ser ponderadas, principalmente, quando consideramos que este método foi erigido desde Comte com a nítida preocupação para a fundamentação do discurso científico. Assim, de modo geral, lança-se um *problema* de investigação e uma *hipótese* de resolução a partir deste e, então concebe-se um *sistema* explicativo ou um *modelo* que pode ser aplicado aos diferentes fenômenos estudados. A hipótese deve ser *verificada* a partir de experimentações e *falseamentos* até o ponto que seja *irrefutável*. Somente então pode haver a *aplicação* do sistema ou modelo.

O *método fenomenológico-hermenêutico* possui suas bases nas proposituras de Husserl que como uma tentativa de estabelecer um método que fundamentasse as Ciências e que constituísse a Filosofia como uma ciência rigorosa. Trata-se de um método que propõe descrever o processo do conhecer enquanto tal. Busca-se examinar todos os conteúdos da *consciência*, mas, ao invés de qualifica-los, há a preocupação de entender como eles ocorrem, ou seja, o fenômeno e a *intencionalidade* da consciência. Comumente é associada ao Idealismo, tanto pelo diálogo que os fenomenólogos desenvolveram com pensadores como Hegel como pelo papel do sujeito e da consciência no método, mas dela difere substancialmente e principalmente, porque não se considera que há conteúdos de consciência, mas unicamente *fenômenos*. Eis um dos motivos que se associa a Fenomenologia à *hermenêutica*, na medida em

que esta última, contemporaneamente, se trata de uma reflexão filosófica interpretativa acerca do âmbito simbólico. Mediante isso, há a suspensão do percebido, ou seja, se coloca a realidade entre parênteses ou a *Epoché* (Redução fenomenológica), em que se põe de lado todo tipo de ideologia, ação e a própria realidade afim de interpretar somente a sua essência. Já a *Epoché universal* (Redução transcendental) trata da forma como a consciência engloba as essências e os objetos, considerando-os como fenômenos.

Por fim, o *método materialismo histórico dialético* se refere tanto ao pensamento marxista – pensadores que se baseiam nas propostas de Marx – como ao pensamento marxiano – propostas do próprio Marx. O materialismo histórico dialético foi um termo cunhado pelo filósofo marxista russo Plekhanov (1857-1918) para indicar as proposituras marxistas. Ele difere fundamentalmente da dialética de Platão (428-347 a.C.) e da dialética histórica de Hegel, sobretudo por considerar que as propostas desses filósofos, assim como aquelas Racionalistas, amparavam suas análises no plano das ideias sem ser suficientemente críticas por não atingirem o verdadeiro fundamento das ideias, que é a base *material e histórica* da *sociedade*, sua estrutura econômica e suas relações e *modos de produção* que as mantêm. Para tanto, a dialética ou a *contradição da contradição*, como principal lei desse método (SARTRE, 2002), é considerada quando entendemos que a história só pode ser presente pela objetivação do trabalho e dos modos de produção pretéritos na matéria, que é o fundamento em perpétua fundamentação da história dos homens, ou seja, matéria, trabalho, modos de produção e a história se relacionam mutuamente havendo a *interpenetração dos contraditórios*. A superação ou *transformação da quantidade em qualidade* ocorre, por exemplo, quando houve as revoluções técnicas dos modos de produção que caracterizaram certos períodos da história.

4 Algumas utilizações dos métodos pelas ciências

Considerando uma classificação dos métodos mais enxuta e operacional, assim como os seus principais elementos constituintes e características, como aquela proposta por Sposito, é possível delinear alguns modos, ou melhor, alguns pressupostos, quanto à utilização dos métodos pelas Ciências retomando em parte a discussão que iniciamos acerca dos elementos dos métodos e seus respectivos graus de abstração.

Quadro 4 - Pressupostos quanto a utilização dos métodos pelas ciências



Considerando *a aplicação do método*, é possível argumentar que quanto mais abstrato e amplo é certo elemento do método, mais facilitada é sua utilização e desenvolvimento por determinada proposição científica. Isso ocorre quando se utiliza dedutivamente³ os elementos mais abstratos do método para o seu desenvolvimento. Quanto mais amplo é certo elemento do método, há maior proeminência da dedução em sua aplicação devido a sua própria abrangência teórica, o que permite que se possa empregá-lo em diferentes realidades que se procure abordar. Nesse caso, é recorrente a utilização e desenvolvimento de proposições pela utilização das doutrinas e correntes de pensamento em seus termos gerais, por meio de generalizações, principalmente, por seus aspectos ideológicos e/ou procedimentais. Inversamente, pelo *desenvolvimento crítico do método* e ao trabalharmos com as correntes de pensamento e doutrinas estaremos mais próximos de uma abordagem abstrata e geral e, assim, complexificando o seu uso e desenvolvimento científico. Isso ocorre somente quando consideramos que as doutrinas e correntes de pensamentos são apenas alguns dos elementos do método, pois ele possui outros tantos que o fundamentam, por exemplo: as correntes de pensamento são constituídas por leis, teorias, categorias e conceitos que se relacionam entre si formando uma abordagem da realidade. Portanto, quando se fala em correntes de pensamento, não se deve considerar um único pensador e sua respectiva proposição teórica e sim um

³ Em acordo com Lefebvre (1975, p.129-130): “A lógica rigorosa ou dedutiva, na medida em que tem um conteúdo, supõe a distinção entre o essencial e o acidental. Tomada concretamente, no plano da compreensão, é uma lógica da essência. Supõe a existência de grupos com qualidades relativamente estáveis: de gêneros e de espécies. Constitui assim objetos de pensamento, os conceitos, obtidos por abstração, deixando de lado o acidental, generalizando através de uma indução as qualidades consideradas como essenciais. [...] A indução simplesmente, penetra mais profundamente no conteúdo; e o faz, em particular, quando se leva em conta o caráter mutável, momentaneamente, provisório, relativo, de toda lei e de todo momento do universo”.

conjunto de pensadores que possuem propostas similares. Desse modo, utilizar e desenvolver, indutivamente, certa corrente de pensamento em sua totalidade incorre numa imersão em um grande conjunto de pensadores e ideias, o que torna sua utilização mais complexa.

Já para a *aplicação dos elementos do método* se pode entender que quanto mais empírico um dado elemento do método, mais difícil será sua utilização – de maneira coerente – em determinada proposição científica devido a especificidade que ele foi desenvolvido para certa abordagem do real. De modo geral, cada método foi desenvolvido para se buscar abordar e entender certos fenômenos reais e quanto mais empírico e singular são seus elementos, mais emerge essa especificidade. A aplicação dedutiva dos elementos do método pode ser dificultada, principalmente, quando não há proximidade entre a realidade estudada e a proposição teórica advinda do método. Nesse caso, ocorre a tão criticada “adequação da realidade à teoria”, ou seja, a teoria deixa de possuir caráter explicativo quando a realidade tem que se adequar a ela. Inversamente, para o *desenvolvimento crítico dos elementos do método*, podemos afirmar que ao se trabalhar com as teorias, categorias e conceitos dos métodos nas Ciências, estaremos mais próximos de uma abordagem do empírico e do singular e, assim, teríamos facilitado o seu uso e desenvolvimento científico. Isso procede porque os elementos possuem um caráter mais singular, estão determinados à abordagem de uma realidade específica e não compreendem uma série de elementos intimamente articulados que constituem um método e, sucessivamente, doutrinas ou correntes de pensamento. Assim, a utilização e desenvolvimento de conceitos, categorias e teorias é mais facilitado porque se busca a cada utilização, indutivamente, uma correspondência com o real e com os pressupostos da ciência que se trabalha.

Em resumo, pelo *Quadro 4*, devemos considerar que, por mais que cada um dos pressupostos seja diferente entre si, não se pode negar que mesmo aqueles que buscam somente aplicar certo método ou alguns de seus elementos não promova o seu desenvolvimento. Sem dúvida que sim, mas ele é restritivo, porque preza pelos aspectos gerais do método. Diferentemente, quando se busca desenvolvê-lo criticamente, pois se deve levar em conta como cada elemento do método está imbricado aos outros e como conjuntamente se erigem em um sistema intelectual, que é o método. Nesse caso, paira a preocupação constante do pensador e pesquisador que utilizar certo elemento do método fora de contexto e sem as devidas precauções; ele pode se tornar um instrumental intelectual improfícuo ou mesmo incorrer em interpretações e entendimentos distorcidos da realidade estudada.

5 NO DESATAR DOS MÉTODOS...

As interpretações a partir das correntes e dos métodos filosóficos é uma boa maneira de orientar o pensamento para identificação e entendimento das influências e permutas entre o conhecimento filosófico e o científico. Geertz (2008), ao tratar das Ciências, da cultura e do homem, afirma que o procedimento científico se trata, sobretudo, de procurar a complexidade e ordena-la. Nesse sentido, os métodos e correntes podem ser considerados como uma forma de organizar o pensamento quando consideramos a miríade de proposições teórico-metodológicas desenvolvidas pelos pensadores e pesquisadores. Contudo, a organização muitas vezes implica em generalizar as suas proposições teóricas singulares para que elas possam ser classificadas em correntes e métodos filosóficos – muitas vezes como um procedimento *a posteori*.

Como afirmado no decorrer da discussão, as generalizações e classificações mostram seus limites quando observamos mais de perto as proposições de certo pensador e nos deparamos com uma série de influências teórico-metodológicas, sendo difícil definir qual corrente ou método ele desenvolve, como buscamos exemplificar pelas proposituras de Kant. Contemporaneamente, poderíamos indicar outros tantos pensadores e pesquisadores que comumente são elegidos em um determinado método, mas que possuem diversas influências dos mais variados métodos e correntes, o que torna a sua classificação em apenas uma delas como um procedimento especulativo.

Um exemplo pode ser tomado pelas proposituras filosóficas de Sartre (1905-1980) que são consideradas como existencialistas, pois ele é o precursor dessa corrente filosófica. Ele desenvolveu um rico diálogo com as propostas de Heidegger, mas também possui forte influência da Fenomenologia de Husserl em suas obras mais antigas – notadamente, em o “O Ser e o Nada” – e posteriormente desenvolveu muitos dos pressupostos marxistas, como na sua “Crítica à Razão dialética”. Nas Ciências não é diferente, por exemplo, Milton Santos – geógrafo, em que suas proposições são uma daquelas mais debatidas na Geografia e nas Ciências Humanas no Brasil – possui em suas contribuições notória abordagem socioeconômica e de denúncia quanto às desigualdades sócio espaciais promovidas pelo modo capitalista de produção, as quais podem ser traduzidas pela utilização de categorias, conceitos e teorias marxistas – história, matéria, sociedade, modos de produção etc. Por outro lado, são inegáveis as influências das propostas de Sartre em suas contribuições e, por consequência, há a utilização de conceitos e categorias atinentes a Fenomenologia – intencionalidades, consciência, prático-

inerte etc. Outro exemplo pode ser tomado em Althusser (1918-1990). Ele foi um filósofo francês – contemporâneo tanto de Santos como de Sartre. Suas propostas possuem grande impacto nos estudos das Ciências Sociais, notadamente ao afirmar a primazia da luta de classes e criticar a individualidade como produto da ideologia burguesa com base nos pressupostos marxistas, desenvolvendo uma forte crítica ao Existencialismo. Considerado como um dos precursores do Estruturalismo, ele também possuiu notórias influências de teorias sistêmicas desenvolvidas no bojo do método Hipotético-dedutivo.

Esses exemplos pontuais apenas reforçam a ideia de que é necessário considerar que cada uma das propostas teórico-metodológicas dos pensadores supracitados são muito mais complexas do aquilo que deles circunscrevemos pelos métodos e correntes filosóficas. Não é por isso que devemos desconsiderar as classificações, mas devemos nos atentar que se tratam apenas de generalizações sistematizadas de diferentes propostas teóricas, segundo suas similitudes e diferenças, que possuem como objetivo organizar o pensamento e o modo como podemos encaminha-lo. Trata-se de uma espécie de instrumento racional e cada um deles possui uma abordagem específica da realidade e possibilita que se chegue a diferentes conclusões mesmo que analisando um mesmo fenômeno. É nesse sentido que os métodos e as correntes podem ser considerados como norteadores do conhecimento e não como o Norte.

Feyerabend (2007, p.19-20) realiza uma crítica mais incisiva às classificações dos métodos; em verdade, as generalizações e padrões que podem deles provirem, sendo:

A pesquisa bem sucedida não obedece a padrões gerais; depende, em um momento, de certo truque [...] Uma teoria da ciência que delinea padrões e elementos estruturais para todas as atividades científicas [...] pode impressionar os observadores externos – mas é instrumento grosseiro demais para as pessoas envolvidas, isto é, para os cientistas enfrentando algum problema de pesquisa concreto.

Em linhas gerais, Feyerabend afirma que as pesquisas fundadas nos problemas reais não obedecem a padrões gerais e sim buscam na realidade estudada e no bojo das mais diferentes formas de conhecimento os meios de seu desenvolvimento. Os métodos e correntes como generalizações orientam o pensamento por meio de padrões e quando “não são usados como questão de hábito, sem nenhum pensamento sobre as razões por trás deles, estão frequentemente presos a crenças metafísicas” (FEYERABEND, 2007, p.324). O método usado como hábito ocorre quando a experiência científica não está fundada no vivido, nas experiências reais, e sim em formas abstratas e genéricas de pensamento.

Não muito distante da assertiva de Feyerabend, Deleuze (2011) critica fortemente a utilização de padrões e modelos para quaisquer tipos de explicações da realidade por meio de

uma metáfora: a contraposição entre o mapa e o decalque. O segundo seria como uma espécie de modelo e o primeiro como uma representação aberta em perpétua construção. O mapa é processo, fugidio e rizomático, porque está em constante relação com a realidade, o decalque é centrado, estruturado e se entranha.

Geertz (2008), ao estudar a prática de pesquisa dos etnólogos, afirma que não se pode tomar a cultura – um dos principais conceitos em Etnologia – por seus aspectos genéricos e tampouco generalizar arbitrariamente as diferentes culturas segundo um modelo, é necessário atentar às diferenças e às múltiplas relações que estabelecem. Até porque “a ciência não é uma tradição isolada nem a melhor tradição que há, exceto para aqueles que se acostumaram com sua presença, seus benefícios e suas desvantagens” (FEYERABEND, 2007, p.319).

As afirmações de Feyerabend, Deleuze e Geertz, por mais que sejam de diferentes áreas do conhecimento e sob diferentes maneiras, apontam para uma mesma direção: as generalizações e classificações eclipsam as singularidades e quando fazemos delas modelos acabamos por amparar nossas constatações em crenças metafísicas que alimentam mais o espírito do pensador e pesquisador do que o desenvolvimento teórico-metodológico para interpretação e entendimento no e do real. Uma das maneiras de superar esse impasse, para que não se eclipse as singularidades das proposições teórico-metodológicas e tampouco negligencie as interpretações pelos métodos e correntes pode ser obtida, parafraseando Latour (2000), “seguindo os pensadores e os pesquisadores”.

Latour (2000), ao estudar o modo de constituição das Ciências contemporâneas, afirma que não é possível entendê-las considerando como um corpo teórico homogêneo, mas se deve atentar como os cientistas as desenvolvem. Em outras palavras, ao invés de analisar somente o conjunto de classificações genéricas de diversas proposições teórico-metodológicas como um corpo homogêneo, é analisando o modo como os pensadores e os pesquisadores as desenvolvem que podemos melhor entendê-las.

Entendemos que a tendência de considerar um corpo teórico homogêneo nada mais é que reiterar certa concepção teórica hegemônica, justamente porque ela é a mais corrente e aceita. Todavia, para haver uma concepção teórica hegemônica, há outras hegemônicas. Eis o principal fator considerado para se generalizar, classificar e, sobretudo, periodizar o conhecimento.

Um cientista interessado em obter o máximo conteúdo empírico, que deseja compreender tantos aspectos de sua teoria quanto possível, adotará uma metodologia pluralista, comparará teorias com outras teorias, em vez de com “experiência”, “dados” ou “fatos”, e tentará aperfeiçoar, e não descartar, as concepções que aparentem estar sendo vencidas na competição. (FEYERABEND, 2007, p.63)

Nesse sentido, seguir pensadores e pesquisadores é antes de tudo tentar identificar as relações de poder que são erigidas para o desenvolvimento das Ciências e da Filosofia. É tentar captar o poder em suas extremidades, nas suas últimas ramificações e não “tomar o poder como algo homogêneo e maciço que pertença a uma classe e sim que os indivíduos são efeitos do poder e o transmitem” (FOUCAULT, 2012, p.184).

Poderíamos argumentar que as proposições teórico-metodológicas hegemônicas as são, justamente, porque permitem a abordagem, interpretação e entendimento da realidade de modo mais coerente que aquelas anteriores e daquelas hegemônicas. Ora, isso só seria verdadeiro caso entendêssemos que há uma correspondência exata entre a matéria e a ideia ou entre a teoria e a realidade. Com isso descartaríamos a assertiva que toda forma de conhecimento nada mais é do que uma abordagem explicativa da realidade ou um tipo de cultura, como frisou Feyerabend (2007). Contudo, a existência e desenvolvimento dos mais variados tipos de conhecimento – científico, filosófico, artístico, religioso, senso comum etc. – provam o contrário, pois indicam que houve e há abordagens, interpretações e entendimentos distintos mesmo considerando um mesmo fenômeno para análise.

Propomos que deva haver uma mudança de abordagem, ou melhor, da perspectiva de abordagem, saindo daquela a partir do objeto em direção àquela a partir de quem o desenvolve, no caso os pensadores e os pesquisadores. Com isso tomamos a proposta de Gadamer (1997), que a partir da crítica às Ciências Modernas, notadamente as Ciências Humanas, que tomaram o método como o principal parâmetro para se atingir o conhecimento de forma racional, negligenciando os juízos de valores e opiniões, propôs uma ontologia hermenêutica considerando que o entendimento possui um “peso ontológico”, pois é constitutivo da situação do homem no mundo. A ontologia que se refere Gadamer se trata da forma originária de realização do ser-aí, enquanto ser-no-mundo. Nesse sentido, a hermenêutica comparece como uma interpretação que não deve visar a um método e sim o reconhecimento do homem como Ser que pode compreender o mundo a partir de sua historicidade.

Não se trata de um anarquismo teórico-metodológico e sim de uma espécie de interpretação densa, como uma crítica literária, não acerca dos métodos e correntes e sim das propostas singulares dos pensadores e pesquisadores num contexto de mundo em que o conhecimento foi desenvolvido e no qual se pretende desenvolvê-lo. A implicação prática disso está, sobretudo, em não cercear o pensamento e a pesquisa *a priori* em um método ou corrente, principalmente, porque são hegemônicos. A coerência lógica do desenvolvimento de uma pesquisa se sedimentará mais nos fenômenos reais do que estritamente nas ideias. Com isso, é

possível entender que tanto nós como a nossa pesquisa são complexas e múltiplas e que são desenvolvidas por fenômenos em perpétuas mudanças que não podem ser circunscritas e menos ainda determinadas por um método ou corrente.

6 CONSIDERAÇÕES

Subjacente à discussão que desenvolvemos, há uma questão que emerge e que comparece no desenvolvimento de boa parte das pesquisas: “qual é o método que devo utilizar?”. Quando essa questão se coloca inicialmente para se definir certo método que amparará a pesquisa, ocorre o que alertamos quanto à aplicação do método e de seus elementos. Por outro lado, quando ela se trata de uma preocupação constante no desenvolvimento da pesquisa e se faz mediada por outras questões – como, por exemplo: “o que é a realidade que estudarei?”, “quais são os instrumentos metodológicos e estratégias de pesquisa adequadas para melhor entendê-la?” e “quais as principais referências teóricas que utilizarei para melhor abordá-la?” – que se amparam na realidade pode haver o desenvolvimento crítico do método e de seus elementos.

Como abordamos, o desenvolvimento de pesquisas científicas pelo desenvolvimento crítico do método e de seus elementos é muito mais complexo do que aquelas que buscam somente aplicá-los. Considerando somente o desenvolvimento crítico, ainda cabe salientar que fazê-lo para um método é mais complexo do que para seus elementos. Tanto que é recorrente notarmos pesquisadores e pensadores utilizarem diferentes elementos de mais de método para o desenvolvimento de suas proposituras teórico-metodológicas – como abordamos para Kant, Santos e Althusser. Isso ocorre, sobretudo, porque eles atribuem a realidade como parâmetro de suas investigações e não as elucubrações teórico-metodológicas *per se*.

É nesse sentido que, por mais que os métodos possam ser um objeto de estudo, o seu desenvolvimento crítico ocorre “de baixo para cima”, ou seja, a partir dos pesquisadores e pensadores pautados em suas respectivas problemáticas de pesquisa. Em outras palavras, estamos afirmando que o desenvolvimento crítico do método e de seus elementos, assim como a interpretação densa e “perseguir pensadores e pesquisadores” são procedimentos que estão amparados, inicialmente, na indução. Ela, considerada como a tentativa de penetrar profundamente para relevar conteúdo e levar em conta o processo e as articulações dos fenômenos reais, assim como para cada elemento do método e do próprio método. Para estes últimos se pressupõe considerar criticamente a sua forma de concepção, contudo, não se pode

perder de vista o todo. Com isso é necessário partir da indução, de suas partes e seus elementos concretos e o modo de sua articulação para então se deduzir certos elementos do método. A dedução neste processo é qualitativamente diferente daquela da simples aplicação do método e de seus elementos, pois aqui ela não é considerada isoladamente e destaca os elementos do método, suas articulações e os processos em sua concretude e contradição.

Desenvolvendo criticamente e indutivamente o método e seus elementos nos livramos da ingenuidade de entender que certo pesquisador ou pensador vai para o campo de pesquisa destituído de opiniões, valores de juízo e inclinações ideológicas e, sobretudo, de referenciais teórico-metodológicos que indicam certa postura política. Pelo contrário, ele vai ao campo como a totalidade que ele é e em perpétua mudança. Seus referenciais metodológicos devem ser questionados e ele amparar o questionamento a realidade estudada, assim como para os seus procedimentos de pesquisa e, por fim, a si próprio como Ser imerso no cotidiano e pesquisador com opiniões, valores de juízo e inclinações ideológicas. Nesse caso, poderíamos afirmar que há um pluralismo metodológico e as classificações de método vão se pautar no peso que o pesquisador ou pensador deu a cada um dos métodos utilizados, não a partir de uma generalização que é o método e sim a partir da realidade que ele vivencia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Eliseu Sáverio Sposito, a Profa. Dra. Marisa Valadares e a Profa. Ms. Regina Frigério não só pela leitura e contribuições para a redação desse manuscrito, mas sobretudo pelo carinho e aos debates instigantes.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. São Paulo: Edições Graal, 2000.

BERNARDES, Antonio. Quanto às categorias e aos conceitos. In: **Revista Formação (online)**. Presidente Prudente, Revista Formação Online, n. 18, volume 2, p. 39-62, 2011.

BERNARDES, Antonio. **Das perspectivas ontológicas à natureza do internauta**: contribuição à epistemologia em Geografia. 2012. 264 f. il. Tese (Doutorado em Geografia) — Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2012.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CARVALHO, Marcos de. Diálogos entre as Ciências Sociais: um legado intelectual de Friedrich Ratzel (1844 – 1904). In: **Revista de Geografia y Ciencias Sociales**. nº 34, Barcelona, 1997.

DELEUZE, Gilles. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. São Paulo: Editora 34, 2011.

DESCARTES, René. **Discurso do Método: meditações; objeções e respostas; as paixões da alma; cartas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2012.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2015.

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Leibniz: os pensadores**. São Paulo: Nova cultural, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal/Lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1975.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LUKÁCS, György. **A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes: 2001.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** São Paulo: Contexto, 2006.

MORENTE, Manuel Garcia. **Fundamentos de filosofia:** lições preliminares. São Paulo: Mestre Jou, 1976.

POPPER, Karl Raymund. **Karl Popper:** busca Inacabada (autobiografia intelectual). Lisboa: Esfera do Caos, 2008.

SPOSITO, Eliseu Sáverio. **Geografia e Filosofia:** contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004.